

Em busca de caminhos alternativos — 1

7 MAI 1987

HENRIQUE RATTNER

FOLHA DE SÃO PAULO

A sociedade brasileira parece estar se afundando num beco sem saída. Inflação e altas taxas de juros; dívidas, externa e interna, sem perspectivas de um serviço adequado, muito menos de um futuro resgate; aumentos de preços exorbitantes, cortando fundo no poder aquisitivo dos trabalhadores, que respondem com greves, cujos efeitos imediatos são a redução da oferta e, portanto, novos aumentos de preços. As invasões, ao subemprego, ao alastramento de doenças epidêmicas deve acrescentar-se a crise geral do sistema econômico mundial, caracterizada por uma profunda recessão da produção, do comércio e dos investimentos; a instabilidade da principal moeda do sistema — o dólar — e as taxas inquietantes e crescentes de desemprego nos principais países desenvolvidos, inclusive o Japão.

Teremos assim, configurado um quadro desanimador, cujas repercussões atuam negativamente na propensão ao investimento, com múltiplos efeitos recessivos em todas as esferas da vida econômica e política.

Entretanto, apesar da descrença e apatia que se abateram sobre amplas camadas da população brasileira, após o desmoronamento do Plano Cruzado e a inércia das autoridades perante as investidas gananciosas do capital financeiro, nacional e internacional, há necessidade de se continuar em busca de caminhos alternativos de desenvolvimento.

Sem pretensão de oferecer respostas ou soluções para problemas de curto prazo, as reflexões que seguem, procuram, após uma sumária revisão

crítica dos caminhos seguidos nas últimas três décadas, contribuir para o debate em torno de rumos alternativos, cujo exequibilidade dependerá, em última análise, da mobilização da população e de sua motivação e identificação com os objetivos condizentes ao estágio atual de seu desenvolvimento.

A decepção com os resultados do período de ISI (Industrialização por Substituição de Importações) e, as críticas dirigidas aos seus mentores apontam para a ineficiência geral da alocação de recursos, devido a distorções nos mercados e nos preços dos fatores, em consequência de um regime excessivamente intervencionista e protecionista. A interferência governamental na economia teria resultado, além da corrupção, incerteza e demora nas decisões devido à burocratização, em prejuízos para a agricultura (termos de troca desfavoráveis), para as exportações (taxas de câmbio artificiais), subutilização da capacidade produtiva instalada (fábricas superdimensionadas) e da mão-de-obra (baixo custo de bens de capital importados), dependência excessiva de fornecimentos externos e crises frequentes por falta de divisas. Mais graves ainda, foram as críticas da "Escola de Dependência" que acusaram as políticas de ISI de terem aceito a distribuição de renda e a estrutura da demanda existente; de terem encorajado a penetração do capital estrangeiro, eliminando produtores nacionais e tornando a estrutura industrial monopolista e de terem facilitado a importação de tecnologias não apro-

priadas, com pesados custos de "royalties" e de sub e sobreprestação.

O resultado desse processo teria configurado uma acumulação "selvagem" pela burguesia nacional, aliada ao capital transnacional, com efeitos de desintegração profunda da economia e da sociedade dos países em desenvolvimento.

O aparente fracasso de ISI reforçou as correntes que propuseram, como alternativa, uma estratégia de IOE (Industrialização Orientada para as Exportações), especialmente na onda dos "milagres" econômicos em alguns NICs (Coréia do Sul, Taiwan, Irã, Brasil etc.) no fim da década de 60 e durante os anos 70. Altas taxas de crescimento do PNB e das exportações tornaram esses NICs em casos modelares para serem seguidos pelos outros países, em busca do desenvolvimento.

Sem desprezar os índices quantitativos impressionantes conseguidos por alguns países cuja integração à economia mundial se processou em ritmo acelerado, cumpre assinalar que:

* a IOE prematura e freqüentemente imposta, levou a carências muito sérias no mercado interno;

* o quadro político correspondente, configurou uma aliança dos elementos mais reacionários da sociedade, acompanhada de uma repressão violenta não somente dos sindicatos e reivindicações trabalhistas, mas também dos direitos e liberdades civis;

* a falta de planejamento e a pressa em produzir para exportar,

resultaram tanto em uma estrutura industrial não-integrada, quanto em deficiências e fraca integração nas relações entre agricultura e indústria;

* as importações de tecnologia praticamente liberadas, criaram enclave, desvinculados das economias locais e regionais, dificultando um desenvolvimento industrial posterior mais racional e integrado;

* a ausência de participação e de controle por parte de ampla segmentos da sociedade, condicionaram um atraso e carências na infra-estrutura de apoio à produção e ao consumo coletivo das massas, nas áreas de saneamento, transporte público, habitação, comunicações, educação, saúde e espaço para o lazer.

A deterioração da economia mundial, o endividamento externo e o recurso cada vez mais frequente a medidas protecionistas por parte dos países desenvolvidos, parecem esvaziar o argumento do "sucesso" de IOE, como estratégia a ser imitada por todos os países do Terceiro Mundo. As mudanças ocorridas no contexto externo e, sobretudo, na situação política interna, especialmente dos países da América Latina, levam a questionar a validade das prescrições neoclássicas, monetaristas ou "reaganomics", como possíveis saídas da recessão e de retomada de crescimento.

HENRIQUE RATTNER é professor-titular da Faculdade de Economia e Administração (FEA) da USP, e autor de "Informativa e Sociedade", "Brasil 1990: Caminhos Alternativos de Desenvolvimento" e "Impactos Sociais da Automação".